



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Raquel de Souza Valim

OLHARES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

São Gonçalo

2012

Raquel de Souza Valim

OLHARES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO



Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do diploma do Curso de Graduação em Pedagogia do Departamento de Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

São Gonçalo
2012
Raquel de Souza Valim

OLHARES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do diploma do Curso de Graduação em Pedagogia do Departamento de Educação.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora: _____

Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Prof^a. Dr^a. Mairce da Silva Araújo
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

São Gonçalo
2012

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu Deus que me contempla sempre com um novo dia e uma nova oportunidade, aos meus pais e minha irmã que sempre me incentivaram, ao meu marido que soube entender quando me faltou tempo, ao meu filho que me dá inspiração e não me deixa desistir, ao meu marido pela paciência e a minha orientadora que me fez acreditar no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar sempre comigo e me guardar em cada etapa da minha vida. Ele é quem luta por mim.

Agradeço a minha orientadora Jacqueline de Fátima dos Santos Morais pela sua paciência, dedicação e por nunca ter desistido de mim.

Aos meus pais Luscar e Rogéria por estar sempre ao meu lado e por todo o investimento financeiro e emocional.

A minha irmã Paula por me motivar a retomada do trabalho acadêmico e me mostrar que seria possível.

Ao meu marido por estar ao meu lado em todos os momentos.

Ao meu filho que é a razão da minha vida e motiva ser cada dia uma pessoa melhor.

A minha amiga Rachel Bitencourt que esteve comigo em todo trajeto acadêmico. Com ela ri e chorei, comecei e terminei.

Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem como objetivos analisar e discutir práticas que vem sendo adotadas atualmente no processo de alfabetização. Busca refletir sobre os métodos e o material utilizados pela professora alfabetizadora.

Ainda tem o objetivo ressaltar a importância de um ambiente alfabetizador que proporcione o despertar dos alunos para o mundo da leitura através do acesso do mais variados gêneros de textos.

Reflete também sobre a educação bancária que vem sendo exercida, ainda que implicitamente, pelos educandos através da obrigatoriedade de assimilação de conteúdos.

O trabalho propõe novas práticas que visam uma educação libertadora a fim de formar alunos críticos que possam interferir legitimamente no meio em que está inserido.

Palavras-chave: Alfabetização; Leitura; Ambiente Alfabetizador; Práticas Pedagógicas.

SUMÁRIO

MEMORIAL	8
PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO.....	20
CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

Memorial

Minhas memórias do período escolar se iniciam aos 6 anos no período da alfabetização no ano de 1992, quando entrei no Colégio Rui Barbosa, uma escola particular, situada no município de São Gonçalo, onde passei oito anos de minha vida escolar. Quem me alfabetizou foi a professora Diva Neves. Ela utilizava como material de apoio uma cartilha que tinha como personagem principal o EDU, que era um menino bem simpático com cabelos loiros e integrava uma família de quatro pessoas, sendo eles: pai, mãe e dois irmãos.

A cartilha inteira remetia a uma viagem a um sítio que aqueles personagens fizeram durante o período de recesso do ano letivo das crianças. Eu me sentia bem próxima a estrutura familiar dos personagens da cartilha, pois era bem parecida com a minha. Inclusive durante as minhas férias escolares, eu também fazia viagens com toda a família para o sítio do meu pai, o que me aproximou muito do contexto inserido pela cartilha. Porém, se era próxima a minha realidade, podia não ser para inúmeras outras crianças que faziam uso dela. Não percebia nenhuma preocupação por parte do autor da cartilha com relação a diversidade de estruturas familiares, com a diferença social e racial.

Essa reflexão me faz lembrar o que diz Brandão (1981 p. 21 e 22), “a cartilha é um saber abstrato, pré-fabricado e imposto. É uma espécie de roupa de tamanho único que serve pra todo mundo e pra ninguém”.

A cartilha trazia um ideal imposto pelo autor que não se encaixava na realidade de muitas crianças que faziam parte da minha turma. Assim como Brandão exemplifica, percebo que a cartilha havia sido pensada como uma “roupa de tamanho único” que teria que ser adequada a todos os alunos de diversas classes sociais e das mais variadas raças e estruturas familiar.

A cartilha era baseada no método silábico onde as principais unidades a serem analisadas pelos alunos eram as sílabas. Ela trazia textos curtos com no máximo duas linhas e descreviam cenas do cotidiano dos personagens durante a viagem de férias.

Em todos os textos, o objetivo era sempre apresentar palavras envolvendo determinadas sílabas. Lembro-me de algumas palavras chaves utilizadas para

introduzir o método silábico, como LAGO, onde foi introduzido la- le-li-lo-lu e DALIA onde foi introduzido da-de-di-do-du. Pude constatar que na cartilha sempre esteve muito presente a repetição, demonstrando pouca preocupação com a compreensão do processo de aquisição da leitura e escrita.

As palavras chaves utilizadas para inserção do método silábico não demonstravam preocupação com o conhecimento prévio do aluno, visto que para introduzir o da-de-di-do-du foi utilizado a palavra dália, que npos não sabíamos o que significava e para introduzir o za-ze-zi-zo-zu foi utilizado a palavra zarabatana, que igualmente não fazia sentido para nós.

Baseado no que Freire (2002 pg 56) diz: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”, percebo que seria importante que o autor se preocupasse com os exemplos citados pela cartilha, fazendo com que o aluno pudesse perceber as palavras como sendo parte do contexto vivido por ele e proporcionar ao aluno sua própria construção.

Infelizmente não trago em minha memória fatos mais detalhados sobre esse período tão importante da minha vida, tais como nome da cartilha ou de seu autor. Fiz uma pesquisa informal com a professora Diva Neves, porém a mesma também não recordava nem do título nem do autor da cartilha.

O ano que cursei a alfabetização me marcou muito, pois era minha transição de escolas pequenas que atendiam apenas educação infantil para uma escola de grande porte que atendia desde educação infantil até o ensino médio. Lembro bem que no início do primeiro ano letivo em minha nova escola eu chorava todos os dias querendo ir para sala da minha irmã que estava três séries na minha frente, então professora permitia que ela fosse à porta da minha sala para que pudéssemos nos ver durante alguns minutos e assim eu pudesse me alegrar e acalmar um pouco. Apesar de toda a autoridade que lhe era posta na sala de aula, ela permitia que fosse quebrada a rotina do horário da aula para que eu pudesse ter um momento agradável com minha irmã.

Esta experiência me remete a pensar no que Paulo Freire discute a respeito da relação de afeto existente entre docente e discente e no querer bem aos educandos. Ele afirma que:

Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade preciso destacar como falsa a separação radical entre seriedade docente e efetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso é obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade. (FREIRE, 1996, p.159)

No Colégio Rui Barbosa eu pude construir boa parte de minha personalidade e muitos de meus saberes. Cada professor que passou por minha vida escolar durante o ensino fundamental, naquela escola, foi marcante e trago todos em minha lembrança, inclusive nome, fisionomia e comportamento de todos. Não só os professores contribuíram para minha formação, mas também todas as amizades: aqui me referindo tanto aos alunos como aos funcionários. Algumas amizades trago comigo até o dia de hoje, porém outras, infelizmente, a vida levou para rumos diferentes do meu. Também posso aqui lembrar Freire quando este autor afirma que:

Saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebam me ajuda ou desajuda no cumprimento da minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com meu desempenho... Evidentemente, não posso levar meus dias como professores a perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem de minha atividade com ele. (FREIRE, 1996, p.96)

Esse fragmento do texto de Paulo Freire me faz refletir sobre o comportamento dos meus professores do ensino fundamental e se eles tinham a consciência de que eram observados e que serviam, muitas vezes, como exemplos para os alunos. Exemplos dados pelos mestres servem de espelho para a maioria dos estudantes. Portanto, o professor deve ajudar o aluno a revelar-se como pessoa, e acreditar que é peça fundamental o desenvolvimento da personalidade de seus educandos.

Assim confirmo que dentro da escola que cursei o ensino fundamental pude ter uma formação não apenas de saberes, mas de personalidade e de percepção de mundo.

Meu desempenho nessa escola sempre foi um dos melhores da turma e eu sempre ganhava uma espécie de prêmio que me titulava como aluna de destaque. Era constrangedor porque muitas vezes esse título servia de comparação para os

alunos que não haviam se saído tão bem durante o bimestre. Apesar de me incentivar me constrangia diante da turma.

Este título usado como forma de avaliação me remete a Vigiar e Punir do filósofo Michael Foucault que taxa tais atitudes como forma de produção de “corpos submissos, exercitados e dóceis” (FOUCAULT, 2007: 119). A premiação do aluno de destaque servia como “poder disciplinador” e se tornava um dos meios de colocar os alunos numa posição de submissão e controle. Posso ressaltar como a importância do saber e da transmissão do conhecimento acaba por produzir modelos de alunos que eram destacados por serem os melhores da classe, separando os bons dos maus reforçando a imagem negativa dos que não obtiveram um bom desempenho durante a avaliação bimestral.

A seguir segue um quadrinho que retrata a produção da expectativa de um bom desempenho avaliado através de uma prova.



Assim como no quadrinho, quando o prêmio era dado a outro aluno senão a mim sei que havia, ainda que implicitamente, uma frustração por parte de meus familiares que também era sentia por mim. Acabava por se tornar uma obrigação manter o nível obtido nas avaliações anteriores. Assim, antes de não superar as expectativas dos meus pais, eu também me sentia frustrada quando o prêmio era dado à outra pessoa.

Percebo que a escola tem o poder, através da avaliação, de estimular e controlar o aluno, fazendo com que eles reproduzam modelos impostos por ela como sendo ideais de bons alunos. Por meio da avaliação a escola pode selecionar, hierarquizar e regular a conduta do aluno.

Ser o exemplo da turma através de premiação, tal como ser representante de classe foram cargas que carreguei durante todo meu trajeto escolar no Colégio Rui Barbosa.

Quando completei a sétima série, atual oitavo ano, minha mãe me matriculou em outra escola, pois, segundo ela, eu tinha que estar preparada para o vestibular. Para mim foi um período difícil, porque isso significava, na minha concepção, abrir mão de todas as minhas amizades e de todo espaço conquistado durante tanto tempo.

Mais uma vez Paulo Freire me ajuda a compreender a relação que eu estabelecia com a escola já que, de acordo com ele no poema A Escola:

Escola é o lugar onde se faz amigos, não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos. Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. O diretor é gente, o aluno é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém, nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante que, na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se 'amarrar nela'! Ora, é lógico...nessa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz. (Paulo Freire)

Paulo Freire traduz muito bem tudo que passei na escola onde vivi maior parte da minha infância e o início da minha adolescência e tudo que ela me proporcionou. Foi um lugar de construção de conhecimento, personalidade e também de amizades longas e duradouras. O ambiente da escola se tornou familiar e ali eu me sentia muito a vontade, portanto se tornava agradável estar ali todos os dias. Ainda hoje, quando me lembro dos tempos que passei naquela escola, posso sentir sensações indescritíveis a respeito daquele ambiente. Foi um lugar de descobrimento de vida e acima de tudo um momento de despertar para o mundo.

Chegando à nova escola, que ficava em São Gonçalo, na qual cursaria o nono ano, pude perceber que deixar o outro colégio não significava abandonar minhas velhas amizades e sim conquistar outras ampliando meus horizontes.

Essa nova escola era uma preparatória para o vestibular. Nela havia estudado todos os meus primos e minha irmã, todos eles obtiveram sucesso no vestibular. Essa instituição atendia alunos do nono ano em diante. Fui imersa em um ambiente mais adulto e isso me fez desenvolver muito. Permaneci nesta instituição do nono

ano do Ensino Fundamental ao segundo ano do Ensino Médio com o objetivo único de me preparar para as provas de vestibular.

O então Ministro da Educação, Paulo Renato¹, na apresentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, afirmou que “o currículo é baseado no domínio de competências básicas e não no acúmulo de informações”, mas naquele momento eu podia perceber o vestibular era uma forma de acesso ao nível superior muito injusta, pois submetiam alunos de escolas de elites e escolas de classe populares ao mesmo critério de seleção. Era um momento em que eu sabia que se eu não passasse no vestibular, não teria acesso ao ensino superior. Por isso, ainda que, para estar numa escola preparatória para vestibular significasse muito esforço financeiro para minha família eu estive imersa nesse ambiente de preparação desde o último ano do Ensino Fundamental até o fim do Ensino Médio.

Ao chegar ao fim do segundo ano do Ensino Médio eu comecei a trabalhar no município de Niterói como vendedora e isso fez com que eu concluísse o ensino médio em outra instituição que também tinha o caráter de preparação para o vestibular.

Já no terceiro ano do Ensino Médio eu prestei vestibular para o curso de letras para a Universidade Federal Fluminense e para Universidade do Estado do Rio de Janeiro e me sentia na obrigação de passar, uma vez que minha irmã havia passado direto do terceiro ano para a UERJ ainda que ela não trabalhasse. Eu não obtive o mesmo sucesso que ela e tive que tentar no ano seguinte.

No ano de 2004 eu não fiz cursinho, mas prestei vestibular para o curso de Pedagogia. E desta vez a escolha do curso se deu por verificar a baixa relação candidatos/vaga. Não levei em conta a afinidade com o curso. Então uma vez feita a escolha fui aprovada para duas universidades, a UFF (Universidade Federal Fluminense) e UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) . Optei pela UERJ porque o curso era ministrado no turno da manhã. No ano de 2005 ingressei na UERJ.

Frequentar uma faculdade pública era motivo de muito orgulho, tanto para mim quanto para minha família, ainda que não fosse o curso dos meus sonhos.

¹ Paulo Renato foi Ministro da Educação durante o governo de Fernando Henrique Cardoso de 1 de janeiro de 1995 a 31 de dezembro de 2002.

Quando comecei o curso de pedagogia, a minha intenção inicial era tentar migrar para o curso de letras, porém eu comecei a conhecer melhor o curso e as pessoas e acabei permanecendo com a escolha inicial.

Ao iniciar a faculdade eu tinha 18 anos, ainda morava com meus pais e trabalhava. Meu tempo era bem apertado e durante todo curso não tive a oportunidade de participar de vários eventos, pois eram na maioria das vezes agendados para o turno da tarde.

Meus pais se mudaram para o município de Rio das Ostras e em 2006 fui morar sozinha, o que dificultou muito a minha vida, pois além de acordar muito cedo para estudar e chegar em casa muito tarde devido ao meu emprego, ainda tinha muitos afazeres domésticos. Por muitas vezes não suportei a carga e dormi durante a aula de vários professores. Isso me envergonha, e muito, pois apesar de não suportar a jornada diária que eu tinha, sei que dormir diante de um professor é muito desagradável. Aproveitei o espaço para me desculpar com cada professor que me viu dormindo durante as aulas e esclareço aqui que em momento nenhum foi por falta de interesse e sim por todos os motivos citados acima.

O meu interesse pelo curso oscilou muito durante todo trajeto acadêmico. Apesar de ter algumas disciplinas que me interessavam muito, outras, confesso, que me desanimavam. Outro fator que me fazia desanimar era o reconhecimento e remuneração proporcionados pela profissão. Saber que enfrentei tantas dificuldades para concluir o curso e depois de tudo não receber o valor merecido era desanimador.

Abaixo trago parte de uma reportagem do Jornal O São Gonçalo de 31 de janeiro de 2011 que relata uma declaração da educadora Beatriz Lugão a respeito do descaso com os profissionais de Educação.

Está circulando na internet um abaixo assinado defendendo a aprovação de uma emenda parlamentar, elaborada pelos senadores Pedro Simon (PMDB-RS) e Cristóvam Buarque (PDT-DF), que concederia aumento de 61,78% nos vencimentos de todos os professores da rede pública em todo o país. O índice é o mesmo recebido pelos senadores e deputados federais no início de 2011.

Caso entre o vigor, a emenda faria que os vencimentos dos professores gonçalenses passassem de R\$ 600 para R\$ 972. Mesmo ficando abaixo do piso médio brasileiro, que saltaria de R\$ 1.024 para R\$ 1.652,24 com o aumento de 61,78%, a diretora do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe-SG), Beatriz Lugão, disse que o valor de R\$ 972 seria considerado um avanço. A educadora ainda vê uma crítica aos parlamentares com esta proposta. "Qualquer iniciativa de elevar o salário dos professores é

bem vinda, mas fazendo a comparação o valor ainda será muito baixo em São Gonçalo. O que nós precisamos é de uma política que atenda a nossa pedida histórica de no mínimo cinco salários mínimos”, (Beatriz Lugão)

A partir dessa reportagem posso confirmar a dificuldade enfrentada pelos profissionais de educação que além de receber uma baixa remuneração, contam com péssimas condições de trabalho. Sendo obrigados a procurar outros meios de sustento para que complementem o orçamento ou dobrar sua carga horária para que seja suprida todas as suas necessidades financeiras.

Ainda posso demonstrar uma insatisfação diante do nível exigido para professores de séries iniciais nos concursos públicos. Basta ter o Ensino Médio Normal para ocupar cargos que deveriam exigir o Ensino Superior especializado em Pedagogia.

No início do curso foram ministradas aulas de língua portuguesa e essas foram as que mais me encantaram. Apesar de muitos alunos reclamarem da disciplina eu não perdia uma aula.

Minha primeira decepção durante o curso foi a minha nota na disciplina de Psicologia da Educação. Era uma disciplina que eu gostava bastante. Quando recebi a nota de uma avaliação aplicada pela professora, na qual ela disse que não havia certo ou errado para as questões e que ela só queria saber um pouco de nós, tive uma grande decepção, porque minha nota foi bem abaixo do nível da turma. Tenho certeza que ela percebeu minha decepção, e disse que se quisesse poderíamos conversar sobre a nota, mas eu não a procurei mais.

Tive outras disciplinas durante o curso que me encantaram, tais como, Educação Infantil, Literatura Infantil, Alfabetização dentre outras.

Em 2008 me casei quando já estava quase concluindo o curso. Faltavam apenas duas disciplinas e a temida monografia. Mudei-me para uma residência próxima a faculdade. Nesse momento tudo parecia bem mais fácil. Passei do tempo habitual para concluir as disciplinas, pois migrei de versão curricular e precisei fazer outras que não constavam na grade do currículo anterior.

Não posso deixar de citar aqui que durante o curso construí amizades especiais, e conheci pessoas de todos os tipos. Mas uma pessoa foi especial e sempre esteve ao meu lado, em todos os momentos da minha vida pessoal e acadêmica. Essa pessoa é Rachel Bitencourt e é uma das heranças do meu trajeto

acadêmico. Ela sempre soube entender minhas dificuldades e me apoiou muito durante todo o curso. Muitas das vezes em que pensei em desisti ela me incentivou e vice versa.

Nossa amizade me remete a letra do poema de Machado de Assis que diz:

BONS AMIGOS

*Abençoados os que possuem amigos, os que os têm sem pedir.
 Porque amigo não se pede, não se compra, nem se vende.
 Amigo a gente sente!*

*Benditos os que sofrem por amigos, os que falam com o olhar.
 Porque amigo não se cala, não questiona, nem se rende.
 Amigo a gente entende!*

*Benditos os que guardam amigos, os que entregam o ombro pra chorar.
 Porque amigo sofre e chora.
 Amigo não tem hora pra consolar!*

*Benditos sejam os amigos que acreditam na tua verdade ou te apontam a realidade.
 Porque amigo é a direção.
 Amigo é a base quando falta o chão!*

*Benditos sejam todos os amigos de raízes, verdadeiros.
 Porque amigos são herdeiros da real sagacidade.
 Ter amigos é a melhor cumplicidade!*

*Há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinho,
 Há outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas!*

No primeiro semestre de 2009 concluí todas as disciplinas e me matriculei em Seminário de Monografia II. Começava aí a fase mais difícil da minha vida acadêmica. Nunca imaginei que fosse tão difícil concluir uma monografia. Por comodidade, por falta de tempo, e por tantos outros fatores, não fiz e deixei a monografia de lado.

Clarisse Lispector afirma “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas como aços espelhados” (LISPECTOR, 1999, p. 19) e em complemento a metáfora utilizada por ela, posso citar o encerramento do poema de Jorge Miguel Marinho em *Tua Melhor Palavra*:

É obsessivo,
 trabalhoso e extenuante
 como limar a rocha
 com algodão.
 Mas às vezes acontece
 e então cada palavra
 é uma punção de maciez.

Posso, através deles, confirmar que escrever é uma tarefa bem difícil que requer comprometimento e dedicação. Estar disposta a escrever uma monografia é estar disposta a doar boa parte de seu tempo para leitura, reflexão e escrita.

Meu tema inicial era na área da educação infantil. Mas não tive nenhum apoio e isso colaborou para que eu desistisse. Vários outros temas foram propostos ao professor orientador e todos foram vetados por ele. Até que me propuseram um tema que falasse sobre alfabetização e eu aceitei falar sobre o assunto.

Inicialmente, o tema proposto não era minha paixão, mas conforme fui estudando e pesquisando, comecei a me interessar pelo assunto. Como estava com tempo disponível, comecei a fazer observação de duas turmas de alfabetização numa escola na área rural de Itaboraí. Observei duas professoras diferentes com propostas e métodos diferentes. A observação foi feita no decorrer do ano de 2009, porém não pude acompanhar até o final do ano letivo, mas consegui bastante material.

Essas observações me remeteram várias vezes ao meu período de alfabetização e ali pude observar que muitas práticas continuavam exatamente iguais. Isso confirma que na escola são mais de 15 anos utilizando os mesmos recursos e métodos aos alunos de alfabetização. Esta realidade me remete ao quadrinho da personagem Mafalda criada por Quino. Nele encontramos uma fina e aguda crítica quanto as cartilhas utilizadas nas escolas.



Percebo que o processo de alfabetização acaba por se tornar um processo de ensino e aprendizagem do conteúdo da cartilha de acordo com o método proposto, o que permite considerar alfabetizado o aluno que tiver terminado a cartilha com êxito, ou seja, que tiver aprendido a ler e escrever de acordo com textos e exercícios

propostos pelas cartilhas. Ainda que isso signifique reduzir a exploração da capacidade textual de cada aluno envolvido no processo.

O período do estágio foi um período muito enriquecedor para minha prática pedagógica. Pois vim do Ensino Médio e não passei pelo curso normal. Logo tive poucas oportunidades de observar o cotidiano pedagógico, mas as visitas semanais me fizeram quebrar alguns preconceitos já construídos em minha mente em virtude dos depoimentos encontrados dentro do próprio curso de pedagogia.

Em janeiro de 2010 recebi a grande notícia da minha vida. Estava grávida do meu filho, Davi. Quando recebi essa notícia tomei a decisão que antes do meu filho nascer eu teria que concluir a monografia. Então comecei a escrever baseada em teóricos especializados em alfabetização e também do que pude observar nas turmas.

Em outubro de 2010 nasceu meu filho, mas a monografia ainda não havia sido concluída. Interrompi tudo na minha vida para me dedicar ao primeiro ano de vida dele. Dediquei-me exclusivamente a ele. Acompanhei todo seu desenvolvimento. Penso que esse momento era especial e merecia toda a minha atenção.

Segundo a psicóloga Dra Telma Maria João Belivaqua em entrevista ao site www.cançãonova.com do dia 6 de novembro de 2011 ela afirma que:

De início, a mãe é tudo. A mãe é o "ambiente" da criança. Acima de tudo, é importante avaliarmos que a criança não tem noção da separação entre ela e a mãe nessa fase. Então, toda a disponibilidade que a mãe tem em atender as necessidades do bebê vai dando esta noção de quem a criança é. Este é um processo gradativo, principalmente no primeiro semestre de vida do bebê. A mãe é o ambiente. É o objeto a ser encontrado. É ela quem proporciona o atendimento das necessidades da criança. E, à medida que o bebezinho vivencia a satisfação de suas necessidades é que ele vai - inclusive - desenvolvendo uma confiança neste ambiente.

Em outubro de 2011, quando meu filho completou um ano, resolvi procurar a faculdade para, enfim, terminar a monografia. Quando cheguei a faculdade recebi a notícia que meu orientador não fazia mais parte do corpo docente da UERJ. Nesse momento eu precisava encontrar alguém que me aceitasse como orientanda e me ajudasse nesse momento decisivo na minha vida. Afinal de contas o meu tempo limite para a conclusão do curso já estava findando.

Nesse momento decidi procurar a professora Jacqueline Morais, que é especializada em alfabetização e demonstrava grande interesse em contribuir para a

formação dos alunos. Felizmente ela aceitou me orientar nesse processo e retomamos a monografia já iniciada anteriormente.

Portanto, escrever sobre alfabetização, é um grande prazer, além de remeter constantemente a minha infância e toda a bagagem que carrego comigo. Fui surpreendida por uma avalanche de memórias que já estavam adormecidas em algum espaço da minha mente.

Pretendo fazer um misto de memórias, observações e teoria acerca do tema além discutir os métodos e práticas que vem sendo utilizadas paulatinamente ao longo de tantos anos.

Capítulo I: Práticas de Alfabetização

Muitos são os conceitos possíveis quando pensamos em alfabetização: dos mais estritos, como aqueles vinculados aos métodos e cartilhas mais tradicionais, aos conceitos mais latos, como defendidos por Paulo Freire.

Como exemplo, temos a forma como alguns estudiosos sobre alfabetização percebem este processo como sendo o momento de aquisição da leitura e da escrita do alfabeto. Por outro lado, outros consideram que esse processo também envolve a construção de habilidades e compreensões que permitam ao aluno um viver mais consciente e crítico. Para mim a perspectiva que defendo se encontra na segunda opção. Penso que uma consequência fundamental na vida de quem se torna leitor e escritor é poder, através da palavra, modificar sua vida e de seu entorno, de alguma maneira.

Freire (2000 p 67) diz “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

A partir da fala de Paulo Freire posso afirmar que a educação é vista também como forma de crescimento pessoal possibilitando a integração do indivíduo no grupo. A escola ajuda a criar condições favoráveis que desenvolvam indivíduos ativos, capaz de fazer interferências e promover mudanças em seu meio.

Entendo que é papel da alfabetizadora desenvolver no aluno não apenas a capacidade de ler e escrever, mas a capacidade de fazer uso dessas atividades na sociedade.

Defendendo a concepção de alfabetização como um processo que ocorre durante toda a vida, Hernández (2000, p. 17) diz que,

Uma das finalidades da alfabetização seria favorecer a obtenção de uma série de competências – em um processo que começa, mas que nunca termina – que nos levem a formas mais elaboradas e relações de conhecimento da realidade e de nós mesmos.

Uma vez fundamentada a partir da teoria de alguns autores, penso que ganho legitimidade para discutir o tema com a propriedade devida. Logo, durante minha pesquisa a respeito da alfabetização pude encontrar, em vários autores, conceitos que norteiam e fundamentam o estudo acerca do tema. Como não há prática sem teoria, antes de problematizar a prática que vem sendo exercida ao longo dos anos,

busquei fundamentos, que citarei a seguir, que me permitissem um aprofundamento a respeito do assunto.

Ferreiro (1999 p. 47) diz que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo, cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”.

Como Ferreiro, penso na importância de que não se deve aceitar a ideia do aluno como tábula rasa ou uma folha de papel em branco. O aluno traz junto com ele uma bagagem de experiências que contribuem no processo da alfabetização. Esse processo se dá desde as primeiras relações que o indivíduo estabelece com o mundo e não tem fim. O movimento de alfabetização é contínuo e não se restringe a etapa escolar, pois ele precede a escola e vai além desse período. Percebo também que o movimento de alfabetização se dá de forma recíproca. Ao mesmo tempo em que a professora alfabetiza ela é alfabetizada.

Poersch afirma que (1983 p. 31) “A alfabetização é uma atividade pedagógica, inserida no processo ensino/aprendizagem de línguas, que tem como escopo munir o cidadão com mais um instrumento de comunicação verbal, a escrita”.

Assim, compreendo que a alfabetização deve auxiliar o indivíduo nas suas formas de comunicação tanto verbal como escrita, tornando o aluno capaz de se expressar de forma clara e objetiva num mundo que exige cada vez mais que as pessoas estejam aptas a exercer tais práticas. Percebo então a importância da alfabetização inserida no contexto social a fim de promover um ser crítico e apto a estabelecer relações no mundo em que vive.

Para Taberosky & Tolchinsky:

[...] atribuímos ao suposto resultado da alfabetização algo muito mais abrangente que saber ler e escrever. Pensamos que a escola deve considerar esses diversos componentes da noção de alfabetismo no que diz respeito aos níveis de conhecimentos tanto quanto à amplitude de meios notacionais na organização de atividades e na escolha dos materiais de leitura, desde os primeiros passos na educação formal. (Teberosky & Tolchinsky, 2002, p. 8)

Vejo que a alfabetização tem um sentido muito mais abrangente do que possa parecer à primeira vista. Ela deve ser vista também como um instrumento que auxilia o leitor na construção de um processo crítico e intervenção no mundo em que ele vive.

A alfabetização precisa ser vista como parte integrante do cotidiano do ser humano. Para tanto, percebo a importância de que as práticas alfabetizadoras garantam um processo que leve em consideração o que a criança sabe sobre leitura e escrita, pois nenhuma criança entra na escola como uma tábula rasa. O aluno já possui uma relação com a leitura e escrita antes mesmo de ser inserido no contexto escolar. É importante que a professora valorize a relação indivíduo-mundo e utilize tal relação como ponto de partida na introdução da alfabetização, a fim de motivar e despertar o interesse do aluno.

Para Freire (2003 p 22) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

A professora precisa pensar que a sua prática interfere na formação não só do aluno, mas na formação de um membro da sociedade que precisa habilidades para fazer interferências na mesma.

Durante o processo de alfabetização a professora deve estimular o aluno para a construção de textos livres através de atividades que possibilitem o relacionamento do aluno com o movimento fala – escrita. É importante que além de possibilitar e estimular a construção desses textos, a professora esteja atenta ao processo e busque cada vez mais de seu aluno um aprofundamento de suas capacidades.

Fazendo uma breve pesquisa empírica com algumas pessoas de meu convívio pude constatar algumas opiniões do que seria uma pessoa alfabetizada. Um exemplo são as respostas de Rogéria Alvares, comerciante de 54 anos. Para ela: “alfabetizada é uma pessoa que sabe ler e escrever”. E para Fernando Ruiz, autônomo, 33 anos: “alfabetizada é a pessoa que consegue ler textos de cartazes, livros e jornais e sabe escrever”.

A partir da fala destes entrevistados pude perceber que na opinião deles o processo de alfabetização se refere ao ato de decodificação do alfabeto e o uso dele para o ato da escrita. Ainda pude perceber que para eles uma pessoa alfabetizada não necessariamente sabe interpretar o texto decodificado.

Num mundo onde a escrita é um meio importante na circulação de ideias, é fundamental a análise do ato de ler.

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras,

mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (FREIRE, 2001, p. 08).

Como Freire, vejo que criança é inserida num meio social onde formula suas próprias visões e constroem suas próprias hipóteses acerca do mundo em que ela vive. Ela, da sua forma, faz a leitura do mundo e dos símbolos que a cerca durante o cotidiano. Isso não deve ser dispensado no período da alfabetização, mas a professora deve trazer consigo a sensibilidade de fazer uso do mundo em que a criança vive e aproveitar suas hipóteses como ponto de partida.

Abaixo trago a foto de arquivo pessoal onde meu filho, ainda que não saiba decodificar os símbolos presentes no livro, mostra que está fazendo uma leitura do que está presenciando em cada página. Antes da decodificação do alfabeto a leitura foi feita a partir do que já se tem estabelecido acerca do meio em que vive. Posso perceber que ainda muito pequenino já desperta um interesse na exploração dos signos que o cerca. No momento em que folheava o livro, representava o som de cada animal e se perguntado onde estava cada bicho ele apontava a figura de cada um. Percebo, que ainda que não tenha a manipulação mecânica das palavras ele já faz a leitura de mundo e compreende o contexto.



Davi Valim – 1 ano e 5 meses

Penso ser importante discutir como temos, na escola, ensinado a ler e escrever. Hegemonicamente as práticas alfabetizadoras não têm caminhado na perspectiva apontada por Paulo Freire, Smolka ou Emília Ferreiro. Muitas professoras têm exercido suas práticas baseadas em cartilhas e métodos mais tradicionais. O papel da professora alfabetizadora é diferente do papel exercido há anos atrás pelas mesmas. As práticas pedagógicas devem ser adequadas as transformações sofridas ao longo dos anos.

Ferreiro (1996) afirma que:

[...] processo de aquisição da escrita mudou de forma radical. Inicialmente através de uma reconsideração do processo de leitura e da atividade do leitor, que fez passar para primeiro plano fatores tais como a antecipação significativa e o conhecimento linguístico que o leitor traz para a tarefa. Logo, paulatinamente, foram se acumulando evidências que assinalam a importância das experiências de interpretação e de produção de texto realizadas pelas crianças, muito antes de seu ingresso numa instituição escolar. (Ferreiro, 1996 p. 89)

Conforme afirma Ferreiro, a aquisição da leitura e da escrita se dá antes mesmo da criança ingressar na escola e possui uma lógica individual. O processo de alfabetização vem sendo adquirido pela própria criança através de hipóteses que ela mesma constrói. Ferreiro propõe ainda que os textos trabalhados no auxílio da aquisição da leitura/ escrita sejam mais interessantes e instiguem mais a criança nesse movimento.

Esta nova proposta requer que a professora seja também uma pesquisadora, que organize situações onde o conhecimento possa circular, as questões aparecerem, transformando a aprendizagem numa construção prazerosa e vinculada com a realidade dos seus alunos.

Freire (1991) também ajuda a repensar as práticas pedagógicas quando diz: “Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”.

Encontro em Freire respaldo para dizer que alfabetizar vai além de ensinar a decodificação de textos pobres encontrados em cartilhas e reproduzidos nas práticas pedagógicas tradicionais.

A prática pedagógica tradicional é baseada no uso da cartilha e alterna a utilização métodos sintéticos, analíticos e mistos que usam a sonoridade das sílabas ou das letras como ponto de partida. São usadas palavras ou sílabas isoladas para

que possam reproduzir um treinamento dentro do processo mecânico de decodificação/codificação.

Pautada no ensino tradicional, as cartilhas, na sua maioria, foram produzidas com textos pobres que valorizam apenas a sonoridade.

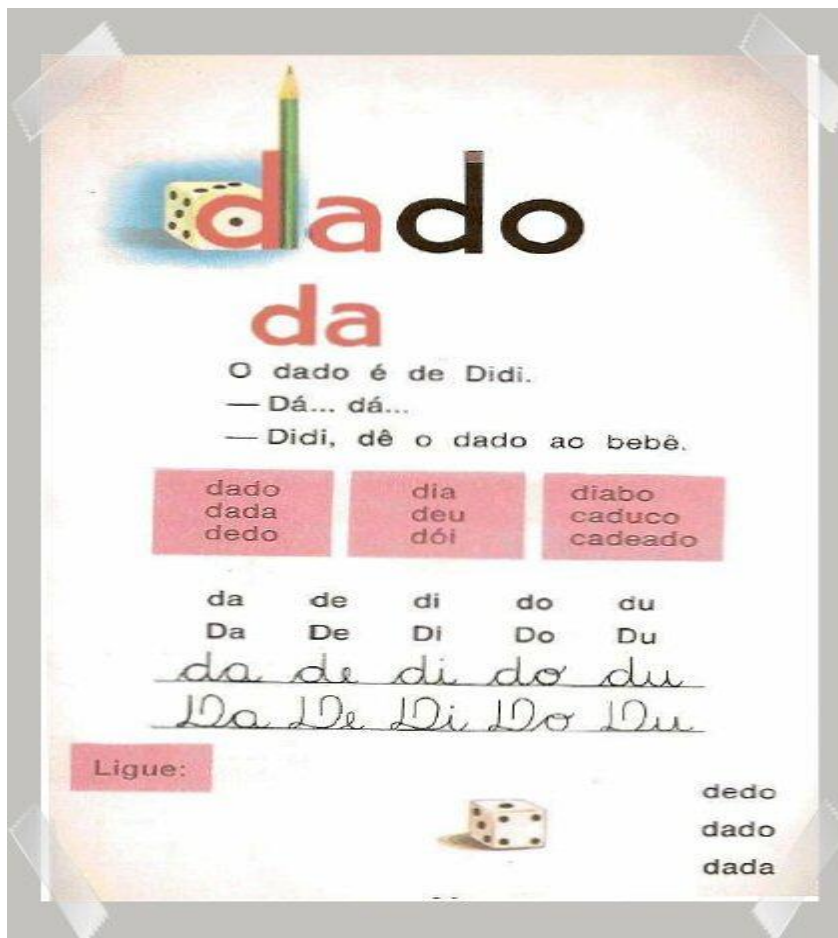
Conforme a análise de Brenner (1986 p.39-41)

Seus textos compõem-se, na maioria dos casos, de quatro frases, sendo, pois, pouco extensos. Organizam-se em torno das estruturas verbais mais elementares da língua: verbo "ser" e verbos intransitivos e, em terceiro lugar, verbos transitivos diretos. Os verbos flexionam-se no presente do indicativo e o futuro representa-se por IR + INFINITIVO. Aparecem, ainda, estruturas correntes no uso infantil: formas imperativas e diminutivas afetivas.

Além de textos com estruturas simples as cartilhas trazem elementos repetitivos, redundantes e exploram palavras que tem pouco significado para a criança.

Abaixo trago dois exemplos encontrados em imagens da internet. As imagens são da Cartilha Caminho Suave concebida pela autora Branca Alves de Lima que foi um fenômeno editorial. Além da sonoridade a autora utilizava o método da alfabetização pela imagem onde a letra fica inserida no corpo da imagem. As imagens também retratam os tipos de textos encontrados nas cartilhas de alfabetização.





Vejo a preocupação da autora com a imagem e também com o som das palavras. As cartilhas, em sua maioria, são baseadas no método fônico ainda que o som não seja significativo para o aluno. Como a preocupação é maior com a sonoridade, ou autores acabam produzindo textos pouco criativos e fora do interesse do aluno. Criam-se, então, condicionamentos necessários para a aprendizagem das letras.

Para que o aluno aprenda a ler e escrever através das famílias silábicas, como é apresentado na imagem acima, ele precisa abrir mão do que já sabem sobre a mesma. Penso que esses tipos de textos proporcionam uma frustração na formulação das hipóteses, já estabelecida pela criança, sobre para que serviria a língua escrita.

O aluno fica condicionado a tarefas mecânicas de cópia, repetição e preenchimento de espaços que não requer um aprofundamento no raciocínio da criança.

O grau de dificuldade do aluno não pode ser definido a partir da visão da professora, e sim de quem está aprendendo. Na construção da aprendizagem da leitura e da escrita, a professora é tão importante quanto o aluno, pois será ela que vai desafiar, estimular e encorajar seus alunos a ir em busca do conhecimento, ajudando-os a formular suposições que os levarão ao conhecimento do objeto.

Alfabetizar não é um processo simples. Ao colocá-lo no papel parece uma tarefa que pode ser exercida sem grande preparação e esforço, mas é necessário entender que para alfabetizar é necessário estar comprometido com a prática.

Nem sempre a prática pedagógica ideal é a mais fácil. Romper com as barreiras e mudar modelos impostos ao longo dos anos requer ousadia e disposição. Introduzir um novo modelo é ir de encontro a tudo que foi afirmado durante tanto tempo. O novo desperta resistência.

A professora se engana quando pensa que fazer o uso da cartilha é o método mais eficaz de alfabetizar. Na verdade, percebo que usar o material como apoio é ter uma justificativa para se alguma coisa der errado no percurso da alfabetização.

O desafio é produzir práticas pedagógicas que potencialize o aluno e que nem sempre são mais fáceis de ser aplicadas. Um novo olhar sobre o processo de alfabetização oportuniza a formação de leitores mais críticos e escritores que consigam desenvolver seus textos mais facilmente. Assim vejo que é fundamental que a professora esteja aberta a novas práticas e novos conceitos, desde que esses sirvam para colaborar numa melhor formação de seus alunos.

A professora deve aproveitar momentos surgidos no cotidiano da sala de aula para romper com a prática mecanicista do processo ensino-aprendizagem. Como Freire (1978, p 111) diz a alfabetização é [...] não uma memorização visual e uma mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas, desgarradas de um universo existencial - coisas mortas ou semimortas - mas numa atitude de criação e recriação."

Não posso ver a alfabetização como uma forma de "educação bancária" onde o professor é dono do saber e os alunos passivos de adquirir todo conhecimento sem a pretensão de desenvolver o senso crítico. A alfabetização não pode ser limitada, pois ao invés de fechar ela tem o papel de abrir a mente dos estudantes. Vejo a alfabetização como um processo que depende de todos e se torna mais interessante a partir do momento que usa o saber da criança no processo de ensino-aprendizagem.

Freire (1987 p 57-60) diz que:

A educação bancária tem por finalidade manter a divisão entre os que sabem e os que não sabem, entre os oprimidos e opressores. Ela nega a dialogicidade, ao passo que a educação problematizadora funda-se justamente na relação dialógico-dialética entre educador e educando; ambos aprendem juntos.

Ainda sobre a educação bancária Freire (1987 p 96) diz que:

Metaforicamente, a “educação bancária” pode ser caracterizada como o procedimento metodológico de ensino que privilegia somente o ato de repetição e memorização do conteúdo ensinado. Assim, o professor, geralmente por meio de aulas expositivas, “deposita” na cabeça do aluno conceitos a serem cobrados, posteriormente, na prova, quando então, aquele obtém o “extrato” daquilo que foi depositado.

Na educação bancária não há preocupação com o trabalho em equipe. O conteúdo é transferido pela professora, dotada de toda sabedoria, para o aluno. Como se fosse uma espécie de depósito de informações. Os alunos são considerados, portanto, como “cabeças vazias” e não como um possível transformador do mundo.

É preciso repensar como fazer e o que fazer numa turma de alfabetização, transformando alunos e professoras como sujeitos ativos nesse processo. É necessário adotar práticas pautadas na criatividade, participação e trabalhos em grupo. O aluno precisa estar envolvido no processo.

Percebo também a importância de repensar sobre possibilidades de organizar o espaço escolar na direção do que alguns autores têm chamado de ambiente alfabetizador.

Russo e Vian (1995, p. 53) dizem que *“a primeira preocupação no processo de alfabetização deve ser a de procurar trabalhar com elementos significativos para o aluno (...)”*. Esta fala nos remete a Ferreiro (2002, p. 82-83) que relata que o processo de alfabetização se realiza melhor quando:

Se permite a interpretação e produção de uma diversidade de textos (inclusive dos objetos sobre os quais o texto se realiza);
 Se estimulam diversos tipos de situações de interação com a língua escrita;
 Se enfrenta a diversidade de propósitos comunicativos e de situações funcionais vinculadas á escrita;
 Se reconhece a diversidade de problemas a serem enfrentados para produzir uma mensagem escrita (problemas de graficação, de organização espacial, de ortografia de palavras, de pontuação, de seleção e organização lexical, de organização textual) (...).

Compreendo, portanto, que a organização das atividades escolares precisa ser pensada considerando o processo de alfabetização como um momento no qual se reconhecem os educandos como construtores de seu próprio conhecimento, permitindo a eles seu natural desejo de conhecer.

Durante o curso de graduação pude frequentar, como parte de um trabalho de campo com vista a elaboração desta monografia, aulas em duas turmas de alfabetização, que na época eram chamadas de “Primeira Elementar”. Estas turmas faziam parte de uma mesma escola pública na zona rural de Itaboraí. Cada uma possuía cerca de 30 alunos com faixa etária entre 6 e 8 anos.

As professoras alfabetizadoras seguiam perspectivas muito diferentes uma da outra. Uma professora não abria mão de seguir o método tradicional de cartilhas e repetição. Enquanto a outra procurava alfabetizar a partir de elementos trazidos para despertar o interesse de seus alunos. Pude perceber que a turma da primeira professora sempre estava dispersa e causando grandes transtornos a mesma. Enquanto a turma da segunda professora estava sempre comprometida e interessada com a execução de alguma tarefa proposta pela mesma. Percebi também que nos momentos de lazer a segunda professora fazia questão de estimular de alguma forma o processo de leitura e escrita dos alunos. Enquanto a primeira se posicionava de forma estática diante da desordem dos seus alunos.

Percebo então, a importância de aproveitamento de cada momento dentro do espaço escolar. Ainda que seja um momento de lazer, de forma lúdica, pode-se proporcionar de alguma forma o interesse da leitura e escrita nos alunos.

Também pude notar a diferença do ambiente alfabetizador entre as duas turmas. A sala de aula da primeira professora era composta apenas por um varal com as letras do alfabeto e um mural com as datas comemorativas. Já na sala de aula da segunda professora, encontrei além do varal com as letras do alfabeto, um mural com o nome dos alunos, outro mural que trazia rótulos e embalagens de produtos de marcas conhecidas, um mural que era composto pelas notícias de jornais que os alunos achavam interessantes e traziam para sala de aula, além de um cantinho de leitura que era composto por gibis, livros e revistas.

A sala de aula deve ser um espaço organizado e dirigido com a participação dos alunos junto a professora, que deve atuar como mediador no processo educativo, podendo ajudá-los a valorizarem o espaço de trabalho, assim como todo o material nele incluído. A sala de aula deve ser acolhedora, com diversos tipos de

cartazes. Se a sala for compartilhada em dois turnos, é válido conscientizar as crianças a preservar os trabalhos da turma posterior (ou anterior), desenvolvendo o respeito pelo outro e o agradecimento pela conservação do seu material.

Nas turmas que observei durante o trabalho de campo, pude notar uma grande preocupação das professoras em manter conservados os espaços utilizados pelas turmas anteriores. Ainda pude observar um aproveitamento de material, de uma das professoras, a fim de tentar despertar o interesse dos alunos pelas atividades aplicadas por outra professora. Sempre que havia uma nova atividade exposta no mural, ela chamava atenção dos alunos e assim conseguiam trabalhar com a atividade da outra turma.

Desta forma, penso que o ambiente alfabetizador deva ser estimulante, para que o estudante perceba a importância dessa atividade em sua vida.

A escola é responsável por criar um ambiente alfabetizador, possibilitando não apenas o acesso ao mundo das letras, mas também que a interação nesse novo ambiente. Como vimos, a professora da segunda turma se preocupa em fazer da sala e aula um espaço onde seus alunos se interessem pela leitura e a perceba como ferramenta fundamental no seu cotidiano.

O estímulo à leitura em sala de aula, em cantos ou áreas de leitura, onde se encontrem não só livros bem editados e ilustrados, como qualquer tipo de material que contenha escrita (jornais, revistas, dicionários, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, embalagens de medicamentos, etc.). A variedade de materiais não é só recomendável (melhor dizendo, indispensável) no meio rural, mas em qualquer lugar onde se realize uma ação alfabetizadora (FERREIRO, 1998).

Como Ferreiro percebo a importância do acesso ao mundo da leitura. É preciso que o aluno estabeleça contato com livros, jornais, gibis, encartes e os mais diferenciados tipos de leitura para que ele perceba a importância desse processo em seu cotidiano. Ainda vejo que o contato com o mundo da leitura garante aos alunos diversas construções de hipóteses sobre como se lê e como se escreve.

Proporcionar um ambiente alfabetizador ao aluno é garantir que o aluno presencie momentos que vejam que a leitura e escrita, de fato, são importantes na sua vida. O simples fato de escrever um bilhete aos pais pode ser uma oportunidade de mostrá-los que a leitura/escrita se faz presente em todos os momentos.

Então, vejo que o ambiente alfabetizador vai além de paredes com textos e objetos com etiquetas, como muitas vezes vejo sendo citado como peças

fundamentais na construção desse tipo de ambiente. Não haveria sentido se a intervenção da professora não fosse suficiente para mostrar aos alunos que realmente a leitura e a escrita fazem parte do cotidiano. Ambiente alfabetizador é, antes de qualquer coisa, a garantia do acesso ao mundo da leitura e da escrita.

Quanto à rotina de atividades, a professora pode elaborar um roteiro, incluindo as crianças como ajudantes no decorrer das tarefas, *“para que os alunos formem hábitos de organização”* (SANTOS e SIMÃO, 1995, p. 18). Mas de acordo com Russo e Vian (1995, p. 19), não se deve confundir rotina de trabalho e horário de aulas:

A rotina deve atender à necessidade e ao interesse da classe, sendo, portanto, mutável e passível de alterações. As atividades podem ser alteradas ou transferidas para outro dia, mas os alunos devem tomar conhecimento das alterações e dos motivos que as determinaram.

Os materiais recreativos devem estar à disposição dos alunos para utilizá-los sempre que se sentirem motivados, pois o professor pode apresentá-los durante todo o processo de alfabetização. Na nomeação do ajudante do dia, a professora poderá orientá-lo a recolher os brinquedos, revistas e demais objetos e guardá-los para uso posterior, conservando os materiais dos alunos e da turma que divida o ambiente alfabetizador. Concordando com Russo e Vian (1995, p. 25), material organizado, lições limpas, crianças asseadas são elementos que agradam ao professor e aos próprios alunos.

Abaixo trago uma imagem retirada da internet de crianças da escola EMEI Ministro Bilac Pinto situada em São Paulo. Na imagem vejo que a sala de aula proporciona o acesso ao mundo da leitura aos seus alunos. Podemos perceber o comportamento do leitor e o interesse delas pelo material trabalhado.



É tarefa da professora propiciar atividades significativas, possibilitando que as crianças percebam que *“a escrita é importante na escola, porque é importante fora dela”* (FERREIRO, 2001, p. 11), pois será através de atividades relevantes da escrita que as crianças aprenderão, uma vez que terão significado e objetivo para elas no decorrer de sua existência. Araújo (apud GARCIA, 2003, p. 94), diz que:

Organizar o ensino da leitura e da escrita procurando criar condições para a apropriação da linguagem escrita com um instrumento de compreensão e intervenção na realidade implica, em primeiro lugar, possibilitar vivências com a leitura e a escrita que tenham relevância e significado para a vida da criança, algo que se torne uma necessidade para ela e que lhe permita refletir sobre sua realidade e compreendê-la.

Assim percebo como dever da escola e da educadora proporcionar aos alunos o maior número possível de material de leitura, pois é através deste incentivo que o aluno seguirá em frente no processo de leitura e escrita, pois segundo Russo e Vian (1995, p. 33), *“o professor precisa levar a criança a raciocinar sobre a escrita e, para isso, ele deve criar um ambiente rico em materiais e em atos de leitura e escrita, incentivando-as”*.

É essencial a interação da professora, facilitando a interação do aluno com as mais diversas formas de textos, num clima de liberdade para participar e refletir em cima das propostas, na busca da construção do ato de ler e escrever.

Ainda percebo como dever da alfabetizadora o ato de levar em conta que os alunos já chegam com alguns conceitos formados e uma enorme curiosidade que deve ser sempre aguçada, fazendo com que procurem sempre mais de tudo o que vem a mão deles.

O trabalho pedagógico a ser desenvolvido pela professora alfabetizadora deve levar em consideração os conhecimentos que o aluno possui, partindo destes para a aquisição e sistematização e novos conhecimentos e novas aprendizagens. Essa construção e apropriação do saber consciente permitirão que o aluno compreenda melhor a sua realidade, a sua sociedade e sua própria inserção social.

Alfabetizar com algo que faz parte da vida do aluno se torna mais interessante, pois aprendem com sentido e prazer, associando melhor aquilo que é ensinado com o que é vivido. Segundo Ferreiro; Teberosky (1999, p. 27),

Atualmente, sabemos que a criança que chega à escola tem um notável conhecimento de sua língua materna, um saber lingüístico que utiliza "sem saber" (inconscientemente) nos seus atos de comunicação cotidianos.

Posso concluir e reforçar que, de acordo com Ferreiro, devemos respeitar o conhecimento prévio do alfabetizando acerca do que será ensinado e ainda posso ressaltar a importância de fazer uso desse conhecimento a fim de tornar o ensino mais interessante para o aluno. A professora deve respeitar e estar atento ao desejo de conhecer da criança, a fim de proporcionar uma tarefa prazerosa tanto para a professora quanto para o aluno.

Conclusão

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 2004, p.67).

Durante a realização desse trabalho eu pude perceber como é difícil escrever e como é trabalhoso transcrever tudo o que eu penso a respeito de um assunto. Apesar de ter tratado de um assunto de meu interesse é difícil prender a atenção em um determinado tema durante tanto tempo. Por várias vezes pensei em desistir e abandonar a monografia.

Saber que estou escrevendo para ser avaliada me causa timidez com as palavras. Perco um pouco da capacidade de desenvolvimento do assunto e acabo sendo muito objetiva. Às vezes penso que posso estar sendo redundante e cansativa para o leitor.

Penso que essa dificuldade pode ser resultado do processo de alfabetização que fui inserida no período escolar. O trabalho mecanicista que fui submetida me tornou uma escritora treinada a produzir textos curtos e pouco crítico.

Constatei que a alfabetização é permanente e percebi que durante a monografia pude ser alfabetizada a partir de leituras e discussão com professores e amigos acerca do tema. Tive também a oportunidade de perceber que, apesar de ser um trabalho penoso é um trabalho gratificante e que causa muito orgulho depois de pronto.

Sei que daqui a um tempo, quando eu reler esse texto, terei críticas a fazer sobre meu próprio trabalho. Pois a pesquisa e a busca por conhecimento não se finda com ele. O tema se tornou uma paixão. Eu que achava que conhecia muito, vi que não sabia quase nada. O que sei hoje ainda é pouco, por isso faço questão de explicitar meu desejo mergulhar no tema. Infelizmente por ter prazo de entrega e pouco tempo hábil não pude me aprofundar através de uma pesquisa de campo como gostaria.

Apesar de toda dificuldade e todos os contratemplos encontrados foi um enorme prazer discutir um tema que me possibilitou resgatar na minha memória

coisas que já estavam esquecidas. Lamento muito não ter conseguido o acesso ao material que foi utilizado na minha alfabetização, pois a minha ideia inicial era fazer uma análise do mesmo.

Pensando em todas as complexidades percebo que ainda que tenha sido um tema agradável de ser discutido tive muita dificuldade em desenvolvê-lo.

A partir dessa análise imagino como deve ficar a cabeça de uma criança que se depara, em sua fase escolar, principalmente durante a alfabetização, com textos que não significativos em seu cotidiano.

É fundamental a apresentação de textos que oportunizem as crianças um trabalho mais prazeroso, para que ela encontre uma maior facilidade nesse processo. É preciso desenvolver condições de aprendizagem para que os alunos possam desenvolver seu próprio conhecimento. Colocar-se no papel de aluno é essencial para ensinar.

Percebo também a importância na variedade de material de leitura oferecido aos alunos dentro do ambiente alfabetizador, pois cada aluno tem seu interesse. Durante meu período de trabalho de campo me deparei com uma criança que tinha fascínio por histórias bíblicas. A fim de despertar o interesse dela, a professora buscou livros que trouxessem tais histórias para que pudesse prender a atenção do aluno. Havia crianças que despertavam seu interesse pelos contos de fada, outras por gibis, outras por revistas automotivas dentre uma enorme variedade que ficava exposta na sala de aula.

Assim vejo que é importante trabalhar com materiais que interessem os alunos. Quando o professor traz a cartilha, acaba restringido apenas a uma parte da turma que consegue se interessar por ela. É necessário apresentar uma variedade de gêneros no material trabalhado para que os alunos encontrem em sala de aula um interesse maior.

É importante também que a professora não subestime a capacidade intelectual de seus alunos. É preciso explorar ao máximo o potencial dos alunos para que eles desenvolvam toda sua competência. A professora não deve restringir o material oferecido achando que ele não vai ser capaz de entender. Ela deve sim criar meios para promover a exploração de todo potencial de seus alunos.

O acesso à leitura ensinam as crianças a gostar de ler e também as ajudam a aprender a manipular os livros. A leitura diverte as crianças e não deve ser

incentivada somente na biblioteca. A sala de aula deve ser um ambiente gostoso que permite que as crianças se expressem.

Diante da apresentação de tantas práticas fundamentadas teoricamente ao longo do trabalho, penso ser fundamental que a professora reflita sobre a sua a fim de melhorá-la.

Apesar de toda pesquisa e todo fundamento que a professora encontra durante sua formação (seja ela acadêmica ou continuada), vejo que na prática elas acabam, em sua maioria, repetindo as práticas tradicionais e abrindo mão de uma “educação libertadora”.

[...] o educador já não é mais aquele que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. E para ser autoridade, funcionalmente, é necessário estar a favor da liberdade e não contra a mesma. E ninguém educa ninguém e tão pouco educa a si próprio: os homens educam em comunhão mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática bancária, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (Freire 2004 p.68).

A proposta de novas práticas no processo de alfabetização requer ousadia. A educação libertadora ocorre numa relação horizontal, com a participação da professora e do aluno num objetivo único que é transformar a realidade. Ambos ensinam e aprendem juntos.

O desafio das novas práticas de uma prática libertadora causa medo. O medo de encarar novas situações faz com que as professoras se conformem em continuar repetindo métodos que vem sendo utilizados há anos.

Assumir um novo posicionamento frente a turma de alfabetização é assumir a responsabilidade de um possível “fracasso” que ninguém quer lidar.

Essas questões me fazem pensar que a mentalidade das professoras alfabetizadoras, por mais que elas digam que não, continuam apontando para uma forma de educação bancária. Lutar por uma educação libertadora é uma busca permanente que requer responsabilidade, força e espírito de luta.

Antes da mudança na postura da professora alfabetizadora e das práticas que ela vem exercendo, penso que é necessário que haja uma mudança na sua mentalidade e no olhar que ela tem sobre seus alunos.

Precisa ser uma mudança verdadeira e que aconteça de fora para dentro para que não soe falsa. A professora deve acreditar nos seus alunos e acreditar que através da educação eles são capazes não só de mudar seu em torno, mas de mudar uma história ou mudar o mundo.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Mairce da Silva. **Alfabetização tem conteúdos?** In: GARCIA, Regina Leite (org). **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRENNER, Teresinha de Moraes. **Linguística aplicada ao manual de alfabetização.** Florianópolis, UFSC, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire.** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística.** 10 ed. São Paulo: Scipione, 2000.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo.** Tradução de Sara Cunha Lima e Marisa do Nascimento Paro. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. **Reflexões sobre a alfabetização.** São Paulo, Cortez:1998
- _____. **Com Todas as Letras.** São Paulo: Cortez, 1999.
- _____, **Cultura escrita e educação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____, **Passado e presente dos verbos ler e escrever.** São Paulo, Cortez, 2002.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade.** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra. (1978)
- _____. **Pedagogia do oprimido.** 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 1988
- _____. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____, **Pedagogia da indignação: carta pedagógica e outros escritos.** São Paulo: Unesp, 2000.
- _____, **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 42 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____, **Educação e atualidade brasileira.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17.ed. São Paulo: Paz eTerra, 2003.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

GARCIA, Regina Leite (org). **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

HERNANDEZ, Fernando. Algumas questões sobre ALFABETIZAÇÃO: entre a compreensão do local e do global. *Pátio – revista pedagógica*. Porto Alegre, ano 4, n. 14, 2000.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MARINHO, Jorge Miguel. **Lis no peito: um livro que pede perdão**. São Paulo: Biruta, 2005.

Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais: ética**. 3. ed. – Brasília: A Secretária, 2001

POERSCH, José Marcelino. **Núcleo mínimo de formação lingüística do alfabetizador**. *Em Aberto*, Brasília, ano 2, n. 12, p. 31 – 48, jan. 1983.

SAI BABA, Sathya. **Educação em Valores Humanos – Manual para o professor**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Centro Sathya Sai de Educação em Valores Humanos, 2000.

SANTOS, Gláurea Basso dos; SIMÃO, Sueli Parada. **Processo de Alfabetização: subsídios para um trabalho eficiente**. 9 ed. São Paulo: Ática, 1995.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a Alfabetização como processo discursivo**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana. Além da alfabetização. IN: TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana (Org^{as}). **Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.